KLAXON

mensário de arte moderna

SÃO PAULO

JULHO 15 1922

klaxon

MENSARIO DE ARTE MODERNA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:

S. PAULO — Rua Direita, 33 - Sala 5

ASSIGNATURAS – Anno 12$000

Numero avulso — 1$000

REPRESENTAÇÃO:

RIO DE JANEIRO — Sergio Buarque de Hollanda
Rua S. Salvador, 72-A.

FRANÇA — L. Charles Baudouin (Paris).
SNISSA — Albert Ciana (Genebra Rampe de la Treille, 3).
BELGICA — Roger Avermaete (Antuerpia —
Avenue d'Amèrique, n. 160)

A Redacção não se responsabiliza pelas ideias de seus collaboradores. Todos os artigos devem ser assignados por extenso ou pelas iniciaes. E' permittido o pseudonymo, uma vez que fique registrada a identidade do autor, na redacção. Não se devolvem manuscriptos. — São nossos agentes exclusivos para annuncios os srs. Abilio Nobre Cruz e Antonio da Costa Boucinhas.

SUMMARIO

NÓS

EU

SOMOS os religiosos da Hora. Cada verso — uma cruz, cada palavra — uma gota de sangue. Sud-express para o futuro — a nossa alma rapida. Um comboio que passa é um seculo que avança. Os comboios andam mais depressa do que os homens. Sejamos comboios, portanto!

Ser de hoje, **Ser hoje!!!**... Não trazer relogio, nem perguntar que horas são... **Somos a Hora!** Não ha que trazer relogios no pulso, nós proprios somos relogios que pulsam...

A MULTIDÃO

Não se ouve nada, não se ouve nada.

EU

Oxigenemos, com electricidade, os cabelos da Epoca... Que a vida seja um teatro a branco e oiro.. Não olhemos para traz. Os nossos olhos são pregos no nosso rosto. Não se dobram, não se torcem, não se voltam... O passado é mentira, o passado não existe, é uma calunia...

A MULTIDÃO

Não percebemos, não percebemos. Endoideceram? Falem mais alto.

EU

Cheira a defuntos, cheira a defuntos... Não andamos, não andamos, trasladamonos... E' preciso gerar, crear... Os livros são cemiterios de palavras. As letras negras são vermes. As telas dos pintores são pantanos de tinta. O nosso teatro é um Museu Grevin. Não ha escultores, ha ortopedicos!...

Que os nossos braços, como espanadores, sacudam a poeira desta sala de visitas que é a nossa Arte. Que as boccas dos Poetas sejam ventres dos seus versos!... Que os dedos dos pintores sejam sexos na tela!...

A MULTIDÃO

Mais alto, mais alto ainda. Não se ouve bem.

EU

A vida é a digestão da humanidade; deixemos a vida em paz. Isolemo-nos, exilemo-nos... E' crear universos, para uso proprio, como theatros de papel talhados á thesoura... Sejamos rebeldes, revolucionarios... Proclamemos, a valer, os direitos do homem! Em cada um de nós existe o mundo todo! Façamos a volta ao nosso mundo... Agitemos os braços como bandeiras!... Que os nossos gritos sejam aeroplanos no espaço...

A MULTIDÃO

Mas que desejam? Falem mais claro...

EU

A Grande Guerra, a Grande Guerra na Arte!

Dum lado estaremos nós, com a alma ao léu e o coração em berloque, homens livres, homens — livros, homens de hontem, de hoje e de amanhã, carregadores do Infinito... Gabriel d'Anunzio — o Souteneur da Gloria — abraçado a Fiume — cidade virgem num espasmo. Estão os bailes Europeus — russos de alcunha — bailes em que cada corpo é um ballet, com um braço que é Nijinsky e

uma perna — Karsavina... Está Marinetti — esse boxeur de ideas; Picasso — uma regua com bocas; Cocteau — o contorcionista do Potomak; Blaise Cendrars — Torre Eiffel de azas e de versos; Picabia — Christo novo, novissimo, escanhoado; Stravinsky — maquina de escrever musica; Bakst — em cujos dedos ha marionnettes que pintam; Bernardo Schaw — dramaturgo dos bastidores; Colette — o carmin da França, e vá lá, estás mesmo tu, Anatole — Homem de todas as idades. Está Ramon Gomez de la Serna, palhaço, saltimbanco, cujos dedos são acrobatas na barra da sua pena, estou EU — affixador de cartazes nas paredes da Hora!

A MULTIDÃO

Doidos varridos, doidos varridos...

EU

Do outro lado estão eles — ninguem a cubiçar a Terra de ninguem — embalsamados, balsemões, retardatarios, tatibitates, monoculos, lunetas, lorgnons, cegos em terra de reis. Está Paulo Bourget — medico de aldeia com consultorio de psicologia em Paris; Richepin, pauvre pin, sem folhas, mil folhas, nenhumas. Gyp, Gypesinha, japona; Delille, Greville, Ardel... il. elle. o velho tema; Marcel Prevost — buraco da fechadura de todos os "boudoirs"; Lavedan — "charmeur" profissional a tantos por volume; Geraldy — papel de carta das almas, das alminhas; Croisset, Croissant, pão de ló; Capus, capindó, gabão de Aveiro... Estás tu Jacinto Benavente, ali ao pé de Salvaterra de Magos; Linares Rivas — amanuense do teatro hespanhol; Hoyos que não é de hoy quanto mais de Hoyos. Está o Dantas, coiffeur das almas mediocres — e o Carlos Reis, rainha, foi ao mar buscar sardinha. Está o Lopes de Mendonça — barrete Phrygio ás tres pancadas, matrona que já foi patrono dos cavadores da Resurreição, está o Costa Mota que além de Costa é Mota. Estás mesmo tu, leitor, orgulhoso da tua mediocridade, rindo, ás escancaras, sobre esta folha de papel que irás ler á familia, á sobremesa, na atmosfera — menina Alice — dos quadros a missanga e dos sorrisos pirogravados das manas, tias e primas...

A MULTIDÃO

Insolente! Insolente! Vamos bater-lhe.

EU

Morram, morram vocês, ó etceteras da Vida!... Viva eu, viva EU, viva a Hora que passa... Nós somos a Hora oficial do Universo: meio dia em ponto com o sol a prumo!

EU **Antonio Ferro**

Voyages

C'est une chose dont je suis maintenant convaincu: quand on a lu le Baedecker il est inutile de le réaliser. On n'en retire que des désagréments.

Ces longues chenilles noires brésiliennes digèrente mal les kilomètres.

Chaque gare est un gros morceau qui s'accroche à la gorge et l'irrite. UN PEU D'EAU; ÇA FAIT AVALER.

Le supplice d'entendre les voyageurs raconter des anecdotes.

Ce monsieur distingué et provincial a demandé un lit *inférieur* parce qu'il le croyait meilleur marché. Mais les contraires s'attirent et c'en est le cas.

Appollinaire conte d'un vieux juif qui présageait la mort prochaine des passants, parce que l'ombre se retire du corps qui la projette un mois avant sa mort. Je ne vois plus l'ombre de mon wagon.

Est-ce un desastre dans 30 minutes?

Non, elle est ou fond de l'abîme.

On découvre parfois au tournant de la voie un village aux pieds d'une église.

O France des paysages inédits!

Ce village tiendrait dans ma main... Mais le clocher me piquerait la paume comme une épine de nostalgie... Je n'en veux pas.

L'éloquence facile des forêts impénétrables disparaît.

Immenses sapinières. Bois de Boulogne em primitif.

INÉVITABLES SOUVENIRS DE PROPRIÉTÉ PRIVÉE...

Le télégraphiste qui est poète me raconte sa vie. Honnête. Insignifiante.

Quelconques aussi les jeunes filles naturelles qui font la grande place.

CORSO DES BOULEVARDS.

Il y a ici une *Ford* qui ne marche qu'en «première».

Son propriétaire l'a souvent faite réparer. On croit qu'il va faire faillite.

Mais mon hôtel est le plus beau de l'Univers car

TOUS MES RÊVES TIENNENT DANS UNE SEULE CHAMBRE!

Serge MILLIET.

Bonheur lyrique

Coeur de Phtisique,
O mon coeur lyrique
ton bonheur ne peut pas être comme celui des autres.
Il faut que tu te fabriques
un bonheur unique,
— un bonheur qui soit comme le piteux lustucru en chif-
(fons d'une enfant pauvre,
fait par elle même...

MANUEL BANDEIRA.

Interior

Poeta dos tropicos, tua sala de jantar
é simples e modesta como um tranquillo pomar;
no aquario transparente, cheio de agua limosa,
nadam peixes vermelhos, dourados e cor de rosa,
Entra pelas verdes venezianas uma poeira luminosa,
uma poeira de sol, tremula e silenciosa,
uma poeira de luz que augmenta a solidão...

Abre a tua janela de par em par! Lá fora, sob o céu do (verão,
todas as arvores estão cantando... Cada folha
é uma cigarra, cada folha é um passaro, cada folha
é um som... O ar das chacaras cheira a capim mellado,
a ervas pisadas, a baunilha, a matto quente e abafado...

Poeta dos tropicos,
dá-me no teu copo de vidro colorido um gole d'agua.
(Como é linda a paizagem no cristal de um copo d'agua!)

RONALD DE CARVALHO.

Os discóbolos

Na poeira olympica do circo,
sob o sol violento, elles lançavam o disco
que ia alto e vibrava longe
como um sol de bronze.
Os seus gestos
eram certos
e os seus pés tinham força sobre a areia movel.
E o pequeno sol rapido de cobre
fugia dos seus braços tesos
e lustrosos de óleos,
como a flécha do arco forte.

5

Todos os olhos
seguiam-n'o na trajectoria ephemera e aérea
e ficavam accesos
do fogo metallico do pequeno sól.
E nem viam o outro sol — o verdadeiro — porque elle era
inattingivel e parecia menor.

GUILHERME DE ALMEIDA.

L'ARBRE

Je me souviens d'un arbre de mon enfance
Que j'ai planté, étant petit;
Il a poussé, poussé en confiance,
Et puis un jour il a fleuri.

Le mur de la maison de mon grand-père
Le préservait
Du vent mauvais
Et le gardait à la lumière.

Lors, devant sa première fleur j'ai fait des rêves,
Des rêves où je mangeais des fruits,
De bonnes pêches
A la peau fraîche
Au jus sucré, à la chair blonde et dans laquelle
Un noyau aurait mis
Son goût d'amande amère et sa couleur vermeille.

Je dus aller en ville et quand je m'en revins,
Tout avait disparu de mon ancien jardin:
Un blé encore en herbe et léger sous la brise
Lentement s'efforçait à grandir pour les hommes.

HENRI MUGNIER

6

NENIA

Meu amor é um beduino nomade
num deserto sem limites
e adora a sombra que se move em sua frente,
na areia ruiva,
longa como uma lança...
Elle corre atrás da sombra
como nós corremos atrás do nosso destino.

(A voz da mulher que cantava tinha a cadencia
de uma nenia).

O sol arde nas suas costas
e elle vae rumo do nascente.
A sombra não pára porque elle não pára nunca
e elle ama os gestos allucinados da sombra fugitiva...
Não ha mais ninguem no deserto. Só elle
e o silencio. O silencio está cheio, tão cheio
que elle tem medo das coisas que o silencio occulta,
porque ha muitas coisas occultas no silencio...

(Na sombra a mulher parecia uma sombra.)

O beduino não pára. Parece que a sombra o chama.
Elle corre e ella foge... Elle a tem ao alcance das magras
(mãos convulsas
e não attinge nunca. O sol baixa no occidente
e a sombra se faz mais longa e mysteriosa
como se quizesse abarcar o deserto...

(A voz da cantora tinha tonalidades de crepusculo.)

E quanto mais a sombra engrandece
mais se torna esfumada e intangivel...
E o beduino sente crescer seu amor impossivel!
Elle tem os pés em sangue e a garganta abrasada
de sede e de ansia e os olhos vermelhos de febre
e o corpo desfallecido.
E corre... e corre... E cresce o silencio

e com elle o mysterio. O sol, no poente, agoniza.
A sombra é tão grande! Elle vae agarral-a!
Cáe de bôrco... E' já noite. A sombra se some
noutra mais densa e sem limites!

(A voz da cantora agoniza.)

Só fica o silencio. E, na areia, invisivel,
o corpo do beduino, de bruços, com os braços abertos
como uma cruz caida...
(de "O Homem e a Morte")

MENOTTI DEL PICCHIA.

ORDEM E PROGRESSO

A Tristão de Athayde.

As pessoas cuja opinião não tem importancia são em geral pessoas que dizem: «Não concordo».

Que fazer, si é inutil explicar certas coisas?

Ainda são mais pittorescas as que dizem: «Não concordo» e não contentes com isso escrevem nos jornaes, escrevem criticas de apparencia inteiramente respeitavel, com um desdem fraternal por tudo aquillo que não comprehendem.

RIBEIRO COUTO.

Chronicas

GUIOMAR NOVAES

II

(A Virtuose)

A snha. Guiomar Novaes não é perfeita como técnica. Aliás, acredito que a perfeição não seja dêste mundo... Além disso: Friedmann, por exemplo, duma habilidade técnica fenominal, como intérprete era inferior. Deslumbrou os tólos dos paulistas por atacar um estudo de Chopin numa velocidade de 300 quilómetros por hora. Não repararam que essa correria não só contrariava o andamento relativo ao **pathos** do trecho, como não permittia ao executor a realização dinâmica necessária... Muito brilho, exactidão de máquina; pouca vibratilidade, ás vezes mesmo falta de compreensão. Friedmann gostava do aplauso público, e constantemente malabaristava.

Admiro os malabaristas. Mas o malabarista de circo: agil, belo de formas. Nêste ha uma coragem convencida, proveniente da consciência da fôrça. Num salto de trapésio, a 12 metros de altura, vejo o sorriso irónico dum ser que pensa. O malabarista é atraente, não porquê se ria da morte, mas porquê **sabe** o que pode fazer e tem confiança nos seus músculos. Nunca ultrapassa as possibilidades de seus membros. Jamais prejudica a beleza dum salto pela vaidade de ir alem dos outros. Friedmann, lançando seus dedos numa rapidez de luz, não é um corajoso: é um temerário, um sentimental que abandona a inteligência e a crítica, esquece-se da **vida da obra**, para satisfazer uma vaidade. Ruim vaidade.

A snha. Novaes não possúi essa habilidade: é muito mais musical porém. E é possível que essa menor habilidade tenha influido na sua arte; pois creio ver na pianista (mais uma cara-

cterísca romántica) uma predileção pelo efeito. A prova está em certas peças, que lhe vão maravilhosamente para os dedos, e que repete incansavelmente em seus concertos. Não lembrarei o Hino Nacional porque tenho certeza que êsse fôgo de artifício de festa do Divino repugna à consciência artística da grande virtuose. E' a estupidez patriotica de parte do seu auditório que a obriga a repetir ainda e cada vez pior (justifico calorosamente essa decadencia) a famigerada pirotecnia.

Quando porém disse que a snha. Novaes não tem técnica perfeita, não quis de modo algum adiantar que esta fosse insuficiente. Oh, não! Falta-lhe força, falta-lhe muitas vezes nitidez... Em compensação que elasticidade, que firmeza, que qualidade de som! Não terá o perolado de Viana da Motta, nem o pianíssimo de Risler; mas que pedalização exacta, que cantante!

Mas a técnica é coisa de pouco interesse sob o ponto de vista crítico. Ter ou não ter técnica é questão de trabalho, questão de professor e dotes físicos pessoais. Tudo o que faz lembrar cozinha do ofício contraria a comoção do ouvinte. A técnica é um meio que importa ao executante adquirir, mas indiferente para o espectador.

A snha. Novaes possúi uma técnica mais que suficiente. Si não tem o forte relativo necessário para os largos ambientes, consegue todavia assenções dinámicas impressionantes e é extraordinária nas notas ásperas (1.o tempo, op. 35, Chopin). Si nas passagens excessivamente harmonizadas é por vezes confusa, consegue como ninguem as sextas da Barcarola, as oitavas da Jongleuse.

Verificada pois a abastança técnica da ilustre pianista, considero-a imediatamente como intérprete.

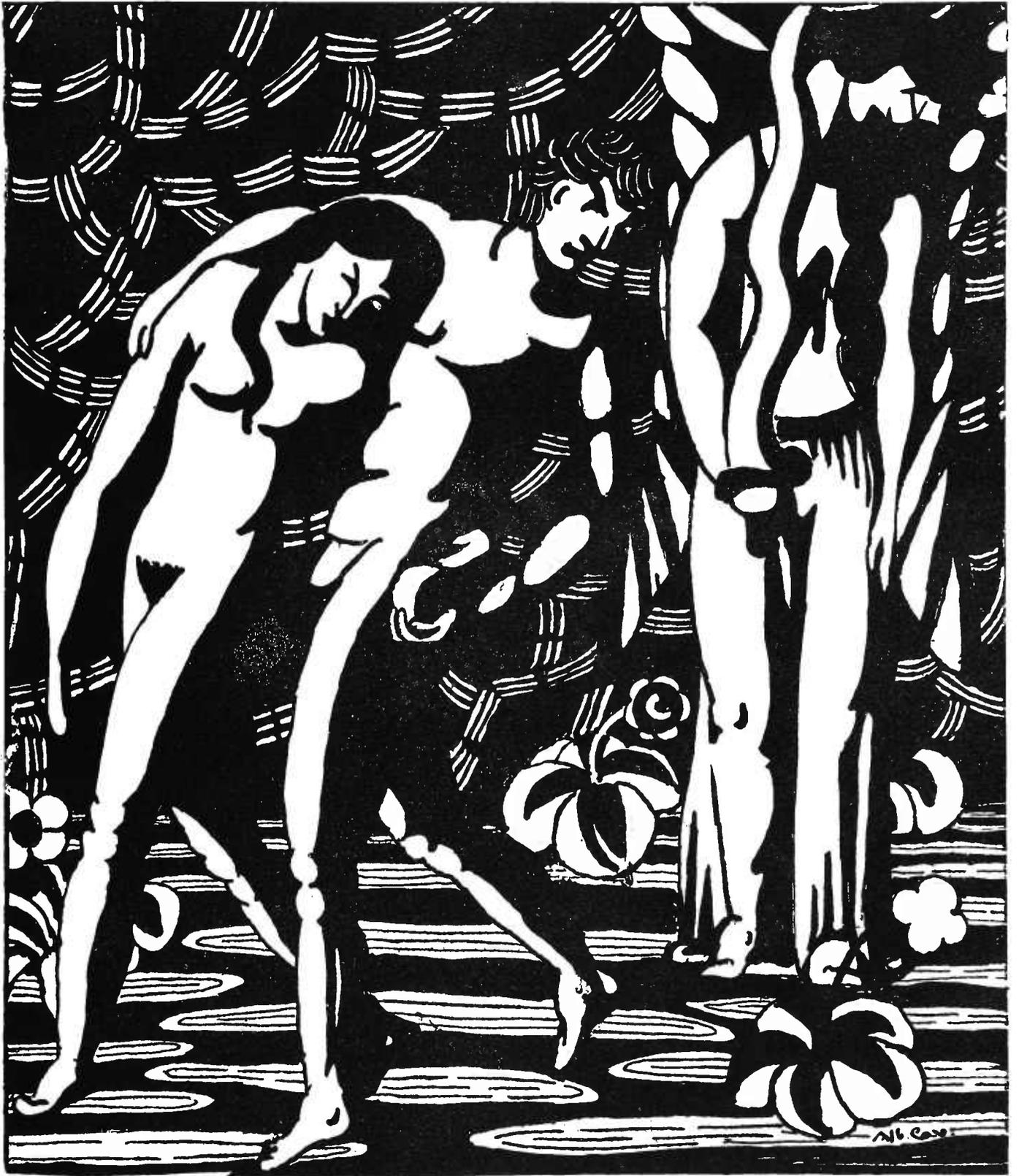
Como tal 2 aspectos especiais apresenta: a transborda em excessos sentimentais Não transborda em excessos, sentimentais. Não aponto defeitos. Verifico tendências. Uma tendência pode não ser actual, isso não implica ser defeituosa.

A snha. Novaes ou é duma fantasia adorável ou duma sensibilidade sem peias. O que não lhe vai bem para o temperamento é a discreção comovida mas serena dos clássicos e o impressionismo intelectual dos modernistas. (E para o Brasil Debussy ainda é um modernista, helas!) Nestes como naqueles, não encontrando campo largo para sua sensibilidade exaltada, encara-os como si fosse cada qual um outro Liszt de rapsódias em que tudo está em procurar o efeito. E' engano. Inegavel: interpreta primorosamente certos trechos de Bach ou a "Soirée dans grenade". Mas estas obras não saem **vividas** dos seus dedos. São pretextos para efeito e não padrões em que se limite uma sensibilidade condusida por uma altíssima sabedoria. A ironia de "Minsrels" então passou-lhe despercebida... E a snha. Novaes que tanto se sensibilizara com a caçoada feita a Chopin no primeiro Sarau da Semana de Arte Moderna não deveria incluir num dos seus programas a caricatura, feita por Debussy, dêsses ingénuos menestreis medievais, cujo cantar trovadoresco é o primeiro vagido da música sensível.

Os románticos legítimos, nascidos no decénio que vai de 1803 a 1813, apresentam duas tendéncias que se tornaram as caracteristicas inconfundíveis do grupo: a fantasia exaltada e a sensibilidade sem contrôle intelectual. Será pois o maior intérprete desses mestres quem milhormente caracterizar-lhes essas duas tendéncias. A snha. Novaes tendo, num máximo impressionante, êsse poder é, a meu ver, de todos os pianistas que ouvi, a milhor intérprete do romantismo musical.

Chopin, Schumann e Liszt eis o campo em que é excelsa.

O próprio Liszt, cujo valor musical é pequeno, consegue ser ouvido com agrado quando ela o executa. E' que a virtuose percebeu a inexisténcia ás vezes total de sentimento no qualquerismo sonoro do abade, mas compreendeu-lhe a imensa fantasia. Só mesmo a snha. Novaes ainda tem direito de executar essas gastas rapsódis onde uma falsa saudade se espevita mascarada (é ler o que diz Bartok sobre os temas nacionais húngaros **correctos** e **aumentados** por Liszt) entre histerismos de cadéncias flautísticas, trinados, tiros insultantes no grave e outras coisas de inda menor valia. A 10.a Rapsódia é rojão que só tem direito de existir quando a célebre virtuose se incumbe de lhe realizar os glissandos. Mas onde a fantasia da intérprete permite-lhe uma legítima e total criação é na Dansa dos Duendes. Eu ví os elfos sairem em girándolas esverdinhadas do negro Steinway. Formaram em torno da pianista uma ronda vertiginosa em que poisou, furtivo, um raio de luar... Sempre desejara conhecer êsses elfos pequeninos... Aconselharam-me a leitura de Leconte... Saí da lição como Jacobus Tournebroche da experiéncia do Senhor D'Astarac, contada por Anatolio France: incrédulo como entrara. Um dia, ao ler shakespeare, sentira duendes em redor de mim... Mas quando a snha. Novaes executou o trecho de Liszt eu vi os entezinhos translúcidos. A ilustre pianista, pelo poder de sua fantasia, criara o inexistente. Devo-lhe esta comoção linda de minha vida.

No "Carnaval" reunem-se em igual potência a fantasia e a sensibilidade. Considero êsse monumento o trecho mais descabeladamente romántico da música. Infelizmente não me foi possível assistir ao recente concêrto em que a snha.

Novaes tornou a executar a op. 9. E, dada a variação constante de suas interpretações (outra caracteristica romântica), causou-me verdadeira dor essa privação. Mas me é inesquecivel a execução anterior do "Carnaval"... A snha. Novais partia para os Estados Unidos. Concêrto de despedida. Eu estava no galinheiro. Suava, ensardinhado numa comparsaria boquiaberta, eterna e incondicionalmente entusiasmada ante qualquer interpretação, boa ou má, que saisse das mãos da grande artista. Sensação de mal-estar e desprêso. Mas Guiomar sacudira os ritmos iniciais da peça com uma energia, uma convicção, uma **verdade** inexcedíveis... O que vi! O que ouvi! A virtuose, sob o ponto de vista escolar, dáva-nos a interpretação mais falsa, mais exagerada possivel. Que rubatos frenéticos! Que pianíssimos espamódicos! Que dinamismos fraseológicos estranhos! Mas foi simplesmente sublime. Acredito que duas vezes não tere icom essa peça a mesma comoção. Eu deposito na glória da snha. Novaes a lágrima que nessa noite chorei. E' o presente dum homem que não tem pela intérprete nem simpatia, nem antipatia. Um homem insensível á glória que a acompanha. Um homem isento de patriotadas que não se orgulha da snha. Novaes ser brasileira porquê considera os grandes artistas, quer criadores, quer intérpretes, seres de que não importa conhecer a nacionalidade, mas aos quais todos nos humanos, devemos ser reconhecidos. Na minha lágrima vai a homenagem dum ser, não sem preconceitos (é coisa extra-humana) mas o mais livre possível de préjuizos sentimentais.

Realizara pois o "Carnaval" o mais romanticamente que é dado imaginar-se... Haverá nisso um êrro? Não. E' costume de criticalhos repetir o seguinte lugar-comum, com mais deficiência de estilo porém: "O snr. Tal interpretou Chopin sem os exagêros a que nos acostumaram certos pianistas de importação. A sua execução sobria deu-nos o verdadeiro Chopin... etc." Que estupidez! Qual o verdadeiro Chopin? Si é o que a tradição nos conservou dum homem que em Viena foi apelidado "pianista de mulheres", que tinha terrores e alucinações junto da materna amante em Maiorca, que morreu tísico... Dum homem que espantou, pela sua liberdade interpretativa, ao próprio Berlioz... Qual o verdadeiro Schumann? Si o que a tradição nos conta como um ser fantástico, vário, desigual, arrebatando a mão por exagêro de estudo, escrevendo peças nocturnas porque sente, de longe, que um ser querido lhe morre, Carnavais e Kreislerianas por excessos de entusiasmo e de ódio e acaba louco... Pois a legítima compreensão dêsses homens estará em **corrigi-los** e transporta-los para a serenidade clássica que não tiveram a energia a serenidade clássica que não tito está a exactidão das interpretações da snha. Novaes. Dá-nos Schumann, Chopin, não encurralados numa certa fôrma interpretativa, nem mesmo como existiram no espaço e no tempo... Vai mais alem: Dá-nos o "animal" Schumann o "animal" Chopin como teriam existido (realidades ideais) si não houvessem essas famosas circumstâncias que Taine fez a tolice de descobrir, e mais préconceitos de métricas musicais e rés-maiores.

E a respeito de Chopin... Outro lugar comum engraçadíssimo dos críticos consiste em dizer, a cada novo pianista que pisa estas abençoadas e ignaras plagas de Paulicéa, que êsse é o insigne intérprete de Chopin. Nada mais errado. Rubinstein, a não ser na valsa póstuma, numa ou noutra mazurca, assassinava o polaco. Talvez questão de ódio de raça... Risler? Ruinzinho, bem ruinzinho mesmo. Ainda me lembro com arrepios da execução do nocturno em fá sustenido... Friedmann compreendia Chopin como uma cadência de concêrto, em que tudo consistia em brilhar... Só me satisfizeram no romântico: Paderewski, a snra. Carreras e a snha. Novaes.

E esta mais que nenhum outro. Porquê? Chopin, sabemos, trabalhava como um La Fontaine, um Da Vinci, um Beethowen da última fase. Sempre incontentado e incansável no corgir. No entanto: nada mais desnorteante que o estilo de Chopin. Baladas como Berceuse ou Barcarola, nocturnos como sonatas, prelúdios como estudos apresentam um carácter de inteira improvisação, em que, no entanto, o mestre deixou qualquer coisa de seu, inconfundível, mesmo sob o ponto de vista da construcção. A forma de Chopin é inatingível. Imitam-se-lhe certos processos técnicos, o arpejado, os melismas.. Toda gente pode ser livre no desenvolcimento constructivo dum preludio, como Chopin o foi... Mas ninguem consegue imita-lo, tal o cunho de personalidade que imprimiu ás formas musicais de que se apossou. A snha. Novaes é justamente notável no autor da Berceuse porquê **crea** Chopin. Ela é Chopin. Suas interprêtações, acredito que cuidadosamente preparadas, assumem um tal caracter de inspiração, de impulsão lírica, de **laisser-aller**, que se tem a impressão duma obra nova, formidável. Como que improvisa Chopin. E o faz como nenhum outro intérprete que tenha passado por nos. Ora, na música imitativa (empregado o termo no sentido aristotélico) essa improvisação é, não só necessária, mas imprescindível para que a obra de arte corresponda psicologicamente ao que pretende representar. D'aí assumirem as interpretações de Chopin pela snha. Novaes essa fôrça de realidade, essa veemência comotiva poucas vezes por outrem atingida. E é tão integral a sua compreensão do mestre que, sendo geralmente rebuscadora

de efeitos particulares (indo ás vezes mesmo a mudar a música escrita, alongando notas, contrariando interpretações determinadas pelo autor) a snha. Novaes desdenha, ao executar Chopin, particularidades e efeitos que boquiabram seus adoradores, para atacar directamente a realização de conjuncto dêsses recontos musicais que o doloroso músico deixou. Por isso escrevi atrás que "a snha. Novaes crea Chopin"

E termino. Sigo com admiração e curiosidade a carreira da grande artista. A' medida que suas fôrças se concentram ela se torna mais profunda e mais pessoal. Varia e cresce de concêrto para concêrto. Talvez seja mesmo uma certa ânsia de fazer milhor que a leve a repetir e repetir as mesmas peças. E' um êrro. A snha. Novaes, mesmo no círculo de seus autores preferidos, podia, devia variar mais seus programas.

E na linda evolução que segue acendra cada vez mais as propensões românticas que apontei. Infelizmente para a opinião Klaxista... Mas é verdade que por elas se tornou a intérprete geniai de Schumann e de Chopin.

MARIO DE ANDRADE.

O HOMENZINHO QUE NÃO PENSOU

PELA revista "O Mundo Literario" um anonimo da redacção desesperadamente carioquiza para provar que KLAXON é passadista.

Leu e não compreendeu; não pensou e escreveu.

Provas: "Mau grado os seus ares de modernismo extremo KLAXON mostra-se em materia de arte francamente conservadora, reaccionaria mesmo".

Escreveramos: "KLAXON não se preoccupará de ser **novo**, mas de ser **actual**. Essa é a grande iei da novidade. Terá tambem o despiante de negar actualidade a KLAXON o homenzinho que não pensou?

Ainda: "A apresentação é uma repetição synthetica do manifesto futurista de Marinetti, cousa que já vem creando bolor, ha não menos de quinze annos..." E' mentira. O anonimo está na obrigação de publicar na sua revista o manifesto de 1909 e a nossa apresentação. Provará assim o seu asserto. Si o não fizer, afirmo que é covarde, pois não concede a KLAXON as armas que reclama para se defender.

Dos 11 paragrafos que formam o manifesto futurista, não aceitamos na totalidade sinão o 5.o e o 6.o. KLAXON não canta "l'amor del pericolo" porque considera a temeridade um sentimentalismo. Não considera "il coraggio, l'audacia, la rebellione" elementos essenciais da poesia. Não acha que até hoje a literatura "esaltò l'immobilitá pensosa, i'estasi e il sonno", porque a propria dor como elemento estetico não é nada disso.

KLAXON admira a beleza transitoria tal como foi realizada em todas as épocas e em todos os paises, e sabe que não é só "nella lotta" que existe beleza.

Em formidavel maioria os escriptores de KLAXON são espiritualistas. Eu sou catoiico. Poderiamos pois aceitar o 8.o paragrafo do manifesto futurista?

Pelo 9.o glorificar-se-ha, aiém do patriotismo, o militarismo e a guerra. Não o fariamos.

No 10.o manda Marinetti que se destruam museus e bibliotecas. Consideramos apenas a reconstrucção de obras que o tempo destroe "uma erronia sentimental". Respeitamos o passado sem o qual KLAXON não seria KLAXON.

Além dos temas indicados (e subentendidos) no derradeiro mandamento futurista vemos muitos outros. Não despresamos a muiher e cantamos o amor. E Guilherme de Almeida, de maneira nova, num estilo afeiçoado ao assumto reviveu a Grecia, num momento de inspiração tão lindo como jamais nenhum dos anonimos do Mundo Literario possuirá.

E saiba o pagão que não é preciso ser futurista para ser patriota.

E saiba mais que admiramos Veneza pelo que foi, e que resta de passado, pois, aiém "dos cicerones loquazes, da agua suja e dos mosquitos aguilhoantes" ha lá um palacio Vendramini, ha lá quadros de Ticiano e Tintoretto e outras manifestações de genios imortaes.

E se em outras coisas aceitamos o manifesto futurista, não é para segui-lo, mas por compreender o espirito de modernidade universal.

Quando ia peio meio das nevoas, começou a hesitar o homenzinho que não pensou. Do tremor proveio ver na extirpação das glandulas lacrimaes reminiscencia do "velho Richepin" e no estilo do "grave artigo de fundo Snr. M. de A." semelhanças com a dicção de certa personagem de Dickens.

O anonimo será outra vez covarde si não citar na sua revista o conhecidissimo trecho de Richepin (que naturalmente os leitores do Mundo Literario desconhecerão) e a frase de KLAXON. Mas não citar capciosamente como lhe ordenariam as tendencias naturaes, mas com siceridade e nobreza: na integra. Veriam os leitores da grande (cento e tantas paginas) revista como aproveitamos "a boutade sobre as glandulas lacrimaes".

Quanto ao meu estilo: pertence-me. Prova? Diz Colombo: "artigo de fundo do Snr. M. de A." Ora nos poucos exemplares que ainda restam de KLAXON n.o I, procurei minha assinatura

nesse artigo. Só encontrei o seguinte e modesto aviso: A Redacção. Mas o estilo de M. de A. da "Pianolatria" e "Luzes e Refracções" poude ser identificado pela adversario com o artigo de fundo. Mas o tão anonimo quanto falso articulista conhece o Ivan Goll do manifesto Zenith? Conhece Cocteau de "Le Coq et l'Arlequin"? Satie dos "Cahiers d'un Mamifere"? e outros tantos "sujeitos de importancia em virtude e letras" modernas? Se os conhecera veria em meu estilo uma adaptação literaria da rapidez vital contemporanea. Pois saiba que plagio manifestamente o telegrafo o telephonio, o jornal, o cinema e o aeroplano.

E na verdade o homenzinho que não pensou é de uma fineza unica em julgar estilos. No snr. Baudouin vê Samain. Em Samain vê Musset e (!!!) Tibullo. Como tecnica saiba o sem-batismo que Carlos Baudouin é constructor de metrica propria muito curiosa. Samain uniu ás vezes metros conhecidos, isso mesmo com muito menos coragem e valor que La Fontaine. E' preciso que o nobre articulista de hoje em diante não confunda suavidade com penumbrismo. E si conhecera certos francezes contemporaneos, Duhamel, Romains e especialmente Vildrac (encontrei edições numeradas de Vildrac e Romains jogadas por inuteis em baixo de uma meza em livraria carioca!) a elles irmanaria com mais eloquencia e talvez menos fineza critica o nosso colaborador Carlos Baudouin. No desenho de Brecheret o catecumeno vê influencia fenicia! E' enorme! A Fenicia não teve propriamente uma arte. Copiou assirios, egipcios e gregos. Quando não imitava ainda esculpia as pifias figurinhas do museu Cagliari. Talvez tambem tenha qualificado de fenicio o desenho para dar milhor quilate á ironia. Infelizmente sai-lhe deficiente a clareza da graça e o espirito assemelhou-se á ignorancia. E saiba ainda o fino descobridor de estilos que os verdadeiros esculptores modernistas, quando não afastados totalmente da natureza imitam resolutamente os primitivos para neles encontrar a resolução dos problemas que ora agitam o trabalho do volume. Assim Bourdelle (frances) assim Milles (sueco) assim Destovich (tcheco) assim Durrio (espanhol).

E termina o agora batizado homenzinho que não pensou: "KLAXON" representa exactamente aquillo que tanto horroriza os seus talentosos creadores: um "passadismo". Ao contrario do que asseverava o senhor M. de A., KLAXON não é klaxista: é classicita..." Lindo trocadilho! E o articulista tomou o cuidado de despargir pela verrina algumas doçuras de elogio. Infelizmente a minha sinceridade não me permite retribui-las pelo artigo. Vejo no néo-cristão um homem despeitado, invejoso, insincero e ruim. Quando muito reconhecerei no arguto quão erudito critico sciencia bastante para descobrir influencias norte-americanas nas gravuras de Utamaro ou de Shuntai.

Quanto ao nosso "passadismo" é cotejar a apresentação de KLAXON com a apresentação do Mundo Literario: "A toi-qui que tu sois" com o soneto "Sabiás", "As visões de Criton" com o "Vendedor de Passaros", "Sobre a Saudade" com "Apparição", "Pianolatria" com "Musica", "Les tendences actuelles de la peinture" com "A proposito de uma gravura" (ineditos maus de bons escritores já mortos)...

E KLAXON inicia a critica de arte periodica do Cinema. O Mundo Literario desconhece "O GAROTO" em que Carlito alcança uma altura a que só os grandes alcançaram...

Este é o passadismo de KLAXON: coisas boas ou más que ainda não perturbaram a sonolencia "leda e cega" do Brasil.

Este artigo está mais longo que a "Rasteira em Trevas", film italiano por Za-la-Mort... E' que nele vai a resposta a todos aqueles que pelo jornal ou no segredo nem sempre honesto das orelhas amigas vivem a entoar contra nós madrigaes, sirvantes e satiras de mal-dizer. Si não: fôra dar demasiada importancia ás invejas activas dum homenzinho que não pensou.

MARIO DE ANDRADE

PENUMBRISMO

> **"Mas do que ereis, e do que sois, passemos ao que tinheis, e ao que tendes."**
> **P. VIEIRA, SERMÕES**
>
> **"E assignalas com chammas o caminho."**
> **B. DA GAMA, URUGUAY**

COM a gomma do sarcasmo, alguem no Rio rotulou de "penumbrismo" as tendencias novas de nossa literatura. O rotulo soffre o mal de todos os rotulos e o defeito maior de abranger a quem não deve.

Ha, evidentemente, entre nós, uma literatura de penumbra, garoenta, chorona, que reflecte, com tardio remate, a poésia decadente, o symbolismo de Verlaine. Poetas ricos de vida, ricos de inspiração, ricos de talento, torcem a naturalidade, forçam-n'a, para encolherem-se jururús, dentro do roupão regional e pessoal dos poetas de França.

Quem conhece a nossa historia literaria, sabe que, em suas diversas épocas, houve sempre uma mania, uma repetição de imagens, um ideal commum... Os poemas de Basilio da Gama e

Durão buscaram uma poesia nova, na natureza ambiente da patria. E isso fez moda. Depois, os poetas da escola mineira ficaram presos ás convenções arcadicas. Nise, as pastorinhas, vinham em scena, nas rimas dos poetas de então. Gonçalves Dias botou fogo nas imaginações, cantando os indios no lirismo dos "Tymbiras" e "Y-Juca-Pirama". Castro Alves alçou o vôo condoreiro e o "infinito" foi o delirio de sua geração. E, d'outro lado, Byron e Lamartine vinham com Alvares de Azevedo e Fagundes Varella chorar o infortunio da vida e os casos lastimaveis da "mulher fatal". O parnazianismo, no verso acabadinho cantou com Raymundo Corrêa e Bilac, — os deuses do Olympo, façanhas da velha Grecia.

Mas é diverso o caso dos penumbristas.

São perfeitamente justificaveis os primeiros movimentos de nossa litteratura. E'-o tambem, a influencia arcadica em Gonzaga que aliaz soube muito bem sentir sua patria. A pleiade condoreira, os cantores da terra, os influenciados pelo romantismo europeu podiam ser perfeitamente sinceros e serem assim grandes poetas.

O mal originou-se com o parnazianismo postiço, com o hellenismo falsificado e desandou, lamecha, em a juventude penumbrista. Mas para os parnazianos havia uma justificativa: — o objectivismo poetico, a intenção mais descriptiva que sentimental.

E para os jovens poetas patricios envenenados de "morbus" verlaineano? Qual a justificativa? Ignoro.

O que caracterisou a pleiade decadente em França foi uma reacção fortissima, dentro de um subjectivismo intenso, contra a arte imposta. A obscuridade de Laforgue era a expansão sincera de sua individualidade; a obscuridade de Verlaine era o alivio de sua alma torturada Quem os lê, como quem lê Villiers de l'Isle Adam ou Saint-Pol-Roux-le Magnifique, sente uma intensidade individual, reflectindo, por sua vez, a alma francesa, que assim se torna:

"Plus vague et plus soluble dans l'air"

O'ra, nada mais despropositado do que nós, brasileiros, tão longe pelos mares, tão diversos pela civilisação, repetirmos sensações e cantarolices surgidas num periodo de reacção literaria.

Teodor Wizewa, justificando a razão porque Tolstoi não compreendia os decadentes, dizia: — "Eu não conheço nada mais ridiculo que a admiração dos jovens esthetas inglezes ou allemães por tal poeta frances, Verlaine, por exemplo, ou Isle Adam."

O symbolismo revigorou a Arte, que parecia cahir numa impassibilidade de morte. Heredia fez da poesia uma sciencia; do sentimento raciocinio. Verlaine reagiu. A's poesias dedilhadas de "Les Trophées", oppôz ás suas, atirando a sinceridade contra o artificio. François Copée disse:

— "Elle creou uma poesia bem sua, uma poesia de inspiração ao mesmo tempo ingenua e subtil, toda de nuanças, evocadora das mais delicadas vibrações dos nervos, dos mais fugitivos écos do coração".

Mas, os novos do Brasil esqueceram esse caracter preponderante do poeta infeliz. Tomaram de Verlaine a parte pessoal, ultra exclusivista, as suas visões cheias de tedio, cheias de dôr, como a sua vida angustiosa de Ashaverus; e abandonaram a grande lição que elle offerecia de ampla liberdade na arte, de expontaneidade no sentimento esthetico.

Verlaine não podia ser imitado, porque sua arte era restricta e, ao mesmo tempo, exagerada. como a de todo revolucionario. Eu leio seus versos e vejo apenas sua alma, triste como seus amôres, tragica como os seus Pierrots. Agôra mesmo acabo de lêr um poeta nosso de fina sensibilidade, que diz sinceramente:

.. Verlaine eu bem te sinto
Nesta terra que morre aos poucos pelo poente
Em que o jardim parece embebido em absyntho."

E' esse o mal da phalange. Ella traduz e repete o poeta fracêês.

O "vieux parc solitaire", "le jardin abandonné", "l'automne", "les feuilles mortes", estão ahi, logares communs de todos os penumbristas.

Choram desgraças alheias, pregam ideaes alheios, imitam nos minimos detalhes, o que disse o pobre trovador delirante dos nostalgicos outomnos de França.

A guerra ao penumbrismo não é o despeito da velhice caduca, como querem muitos. A guerra ao penumbrismo é uma guerra ao ridiculo, ao predominio do espirito simiesco, ao irreflectido papagaiar dos amigos das novidadeirices.

Todos os macambusios, sob a acção de um absyntho de mentira, que passeiam em alamedas solitarias, sob um céo de outomno, todo "gris", todo tedio, — precisam levar sacudidelas, para verem céo azul, a paizagem rica de sol e de luz, a vida intensa, bulhenta, energica, electrica, paradoxal...

E' preciso reagir. E nesse sentido applaudo a classificação.

Mas ha nella uma parte injusta. Ao lado dos poetas do "spleen", dos "montmartres" indigenas, cresce uma geração forte que, de Verlaine, tirou uma profunda admiração por Rimbaud, poeta de animo viril; — cresce uma geração livre que prega uma arte sã, sincera, que sabe rir e que sabe crêr.

S. Paulo, Maio de 1922.

MOTTA FILHO

LIVROS & REVISTAS

"Casa do Pavor" por M. Deabreu — Monteiro Lobato & Cia., editores — S. Paulo.

Curioso escritor que surge. Fantasia estranha. Imaginativa riquissima. O snr. Deabreu continua a poética alemtumulista do sec. XIX. Choca um pouco nesta época de noções exactas. Isso não impede que o autor tenha muito talento. "Sombra de Minha Mãe" é de grande poder sugestivo. Horroriza. "Os 3 cirios do Triangulo da Morte" é um trabalho magnifico.

Como lingua: Ha descúidos lamentáveis. Aquela "Nota" do fim... nem um jornalista redigiria tão mal. Mas como em todas as páginas pululam expressões invulgares, adjectivos prestigiosos, não tenho dúvida em afirmar que o estreante será breve um estilista.

O snr. Deabreu não quer que Deus exista. Tem mesmo uma raiva infantil da Divindade. Até escreve Deus com d pequeno! E, passeando pelas suas personagens, a todo momento afirma a inexistência do Criador. Processo de criança. — Mamãi, quero mais um chocolate... — Acabou, meu filho. — Mas eu quero! e bate o pezinho no chão. O snr. Deabreu **sente, sabe** que Deus existe. Mas Deus é uma coisa cacete. Implica certos deveres, obrigações ou remorsos... Si não existisse. oh! liberdade gostosa!... Por isso o escritor bate o pézinho pelas páginas da "Casa do Pavor". — Mas eu quero mais um chocolate!... E' inútil, snr. Deabreu. O chocolate acabou e Deus existe.

M. de A.

"Uma Viagem Movimentada" por Théo-Filho. — Livraria Schettino, 1922.

Théo-Filho, por qualquer assumpto que palmilhe seu espírito irrequieto, tem o dom de encantar. Leem-se duma assentada as trezentas páginas do seu novo livro. "Uma Viagem Movimentada" são recordações finas e leves, rapidamente coloridas de comoção ás vezes, de ironia frequentemente. Na maioria das vezes Théo-Filho borboleteia apenas sobre as flores humanas que depara, raro lhes suga o mel e o amargor e lhes penetra o âmago. Nem êsse era o seu fim. Quiz contar e contou, em linguagem largada mas expressiva. Mas sabe desenhar forte quando quer. A impagável figura de poeta Josephus Albanus o prova suficientemente.

M. de A.

Mario Pinto Serva, "A Proxima Guerra", edição da Casa Editora "O Livro", São Paulo, 1922.

Mais um livro do fecundo escriptor. Livro de sentimentalismo internacional. O autor commove-se com bastante facilidade ante scenas pavorosas que imagina passarem-se lá na Europa. E' um grito de indignação contra o martyrio duvidoso da Allemanha e, ao mesmo tempo, de alarma para o "mundo civilisado" Exaltação. Excessos. Visões.

Livro de grande fé, e que por isso tem a ineffavel vantagem de não bolir com o raciocinio do leitor. Exemplo: "A fome só diminuirá na Europa com uma renuncia geral das dividas de guerra dos aliados, com o rapido desarmamento de todas as nações, com uma attitude inteiramente diversa para com a Allemanha, com o esquecimento dos odios e das vinganças, com um espirito novo de solidariedade entre todos os povos do Velho Cntinente, com um commercio libertado de pêas que o coarctam. Só assim se evitará a proxima guerra..."

Taes e outras inducções propheticas, extrahidas de principios dogmaticos e apreciações terrivelmente absolutas, denotam no autor uma candura suavissima.

RECEBEMOS:

"Les vaincus", de Romain Rolland, edição "Lumière", Anvers, Avenue d'Amerique. Publicação tardia do primeiro drama do magnifico escriptor. Já se percebem nessa obra o forte valor literario do autor e as suas tendencias socialistas mais tarde evidenciadas. Opportunamente estudaremos o livro como merece.

"Nouvelle Revue Française". Mais um numero dessa interessantissima, revista, onde collaboram escriptores de indiscutivel valor, como André Gide, André Suarés, Blaise Cendrars, Rabindranath Tagore, Valery Larbaud, Marcel Proust, etc.

"Lumière". Numeros de abril e maio. Finos artigos e bellos poemas de Roger Avermaete, Charles Baudouin, Ivan Goll, Vildrac, Marcel Millet, Bob Claessens. Gravuras sobre madeira de Van Stratten, Joris Mine, Maaserel etc. Um artigo de Serge Milliet commentando com espirito a Semana de Arte Moderna em São Paulo.

"Fanfare". Revista ingleza de Arte moderna. Esplendida publicação com collaboração escolhida. Entre outros nomes os de Jean Cocteau, Roger Avermaete, etc. Um aviso: Guilherme de Almeida é brasileiro, senhor redactor, e não portuguez.

CINEMAS

UMA LICÇÃO DE CARLITO

A evolução de Charlie Chaplin demonstra mais uma vez que por mais novas que as formas se apresentem o fundo da humanidade será sempre um só. Carlito já se tornara grande criando seu tipo burlesco, tipo clássico que reflectia, sob a caricatura leviana, o homem do seculo vinte. Mas Carlito, com seus exageros magnificos, compreendera a vida como uma estesia. Estesia burlesca, naturalmente. Era um êrro. Criara uma vida fóra da vida. Sofria de estetismo; porventura o maior mal dos artistas modernistas. Mas um dia o genial criador apresentou "O Vagabundo". Pouco tempo depois "O Garoto". E tornou-se imenso e imortal. Porquê? Porquê sob aparencias novas as almas são eternas. E' verdade que pertence a todos os seculos. O genial inovador humanizava-se. Sofria. Criemos como Carlito uma arte de alegria! Riamos ás gargalhadas! Mas donde vem que a gargalhada parece terminar "numa especie de gemido"? Da vida, que embora sempre nova nas suas formas, é monótona nos seus principios: o bem e o mal. Não caiamos no "estetismo" de que já falava Brunschwig! E a grande coragem do homem-seculo-20 estará em verificar desassombradamente a dor, sem por isso se tornar sentimental. No entanto, sob a roupagem do mais alto comico, Charlie atingiu a eloquencia vital das mais altas tragédias. Charlie é o professor do seculo 20. KLAXON desfolha louros sobre o homem que lhe dá tão eterna e tão nova licção.

J. M.

LUZES & REFRACÇÕES

Um snr. João Pinto da Silva, pela "América Brasileira" de Maio, afirma: "Anullados pelo fiasco, os cubistas, os futuristas, todos os delirantes da crise poética da actualidade, cederão emfim o lugar aos que restabelecerão... etc." Si o snr. Pinto soubesse o que lá vai pela Europa não profetizaria essa anulação. Em vez de anulação o que ha é desenvolvimento. Cubistas e futuristas serão **continuados** por homens que, não necessitando mais, como aqueles, de destruições e exageros, lhes desenvolverão classicamente as inovações. E saiba o snr. Pinto que a Nova Poesia cada vez tem maior número de adeptos. O articulista ignora Alemanha e França, Russia e Austria, Italia e Espanha, Belgica e Estados Unidos. Na própria Inglaterra "que de neve boreal sempre abunda" o grito de "Fanfare" congraça as novas fôrças poéticas do país. O snr. Pinto não deveria ser tão rico em profecias mortuárias sobre o que desconhece. Mande buscar livros. Assine revistas. Estude. E volte.

* * *

Houve quem dissesse que copiamos Papini, Marinetti, Cocteau... Entre **copiar** e **seguir** a diferença é grande. O snr. Ronald de Carvalho ainda ha pouco pelo "Jornal" de 21 de Abril passado, justificava os snrs. Alvaro Moreyra, Manoel Bandeira, Ribeiro Couto por se terem educado na escola dos franceses. Ora KLAXON vai mais além. Não se educa só na escola dum Cocteau francês e dum Papini italiano, mas tambem lê a cartilha dum Uidobro espanhol, dum Blox russo, dum Avermaete belga, dum Sandburg americano, dum Leigh inglês. E porquê não Looz um austriaco, ou Becher um alemão? Dizer de KLAXON que copiamos um, quando seguimos a muitos e querer diminuir a grandeza dum vôo que persegue a rota indicada pelo 1922 universal. KLAXON não copia Papini nem Cocteau, mas representando ás vezes tendências que se aparentam ás dêsse grande italiano e dêsse interessante francês, préga o espírito da modernidade, que o Brasil desconhecia.

* * *

Ao sr. J. Camara, autor de um artigo sobre futurismo, no primeiro numero da revista "Cá e Lá":

"Il a deux espèces d'imbéciles parmi "les connaisseurs". Ceux qui vous disent, devant un tableau: "Non, mais, avez-vous jamais vu pareilles couleurs à un arbre, ou un ciel, ou un visage". Et ceux qui poussent des gloussements d'admiration devant des toiles qu'ils ne comprennent pas." — (Roger Avermaete — "Lumière").

* * *

Antonio Orliac, acaba de publicar uma "plaquette" que intitulou: "Métabolismo". Entre outras cousas, escreve, na prefacio demasiadamente obscuro, que, até hoje, e com isso quer dizer até elle, os poetas foram simples traductores. Nada crearam, Nada inventaram. Os mais

habeis conseguiram apenas misturar harmoniosamente a acção do mundo exterior e a reacção — sensação, com artificios subtis. Segundo o sr. Orliac o verdadeiro poéta é um inventor que constróe sobre planos puramente mentaes.

Confessamos não comprehender claramente o que nos quer dizer o autor de "Métabolisme" e ainda menos o comprehendemos após a leitura de seu poema metaphysico. No entanto esse poema contem estropes admiraveis. E si o autor não tivesse tomado a resolução de provar um systema que se sente composto "a priori", teria escripto bellos versos.

Não queremso perder a occasião de citar alguns interessantes. Quando o poéta fala dos artistas, diz:

"On porte
l'effroi d'une grâce
qui prépare presque à pleurer".

E o silencio inspira-lhe estes versos:

.. "Car le silence c'est la voix
de mille choses inconnues
que s'efforcent vere le reèl
et jamais n'y sont parvenues.

Assim, pois, os melhores pedaços desse poema são justamente aquelles em que o poeta se deixou levar pela inspiração commum a todos os predecessores que soffrem o seu quasi-desdem. Mas é possivel que sejam esses pedaços que o sr. Orliac ache menos bons...

Como qualificar essa pretenção de ser o primeiro poéta verdadeiro?! Isso depois de Baudelaire, de Verlaine, de Rimbaud, de Laforgue, de Cendrars!

* * *

Deixemo-nos de sentimentalismo! Sacadura Cabral e Gago Coutinha desceram finalmente nas aguas do Rio de Janeiro. Eis tudo. Mas não será então esta uma ocasião para que nos regosijemos?

Sem duvida. Regosijemo-nos. Eis tudo. Este regosijo porém não deve incluir em si frases sentimentais, mais insultosas que verdadeiramente de elogio. Todas essas comparações entre os dois aviadores e os herois da Lusitania avita dos seculos XV, XIV e XIII, incluem em si a lembrança do longo letargo que Portugal dormiu durante alguns séculos. Esta lembrança deve ser penosa mesmo num tempo de renovação. Sacadura Cabral e Gago Coutinho desceram finalmente nas aguas do Rio de Janeiro. Eis tudo. Fizeram uma obra bela e uma obra útil. Os klaxistas seguiram com entusiasmo a prova. Torceram. Os klaxistas vibraram com a victoria. Aplaudem. Um bravo energico daqui lançamos aos dois aviadores. Mas este bravo não se arreia de memórias saudosistas. Vai simples. Comovido. Sem enfeites. Representa apenas uma verificação singular e presente. Gago Coutinho e Sacadura Cabral são dois homens invulgares. Como tais, a humanidade se orgulha de os possuir. Eis tudo.

* * *

O Conservatorio de Pariz acaba de conceder o primeiro premio de piano ao nosso patricio João de Souza Lima.

Esse extrangeiro moço já o anno passado merecêra aquella consagração; mas Pariz, que inventou o termo "metèque", intimidou-se um pouco, teve esse receio, que é muito humano, de fazer justiça. Fel-a agora, e bem. KLAXON se enternece com isso, porque KLAXON tambem ás vezes faz "patriotada". E sabe que, ao lado de Souza Lima, está tambem em Pariz, como um pedacinho de nós mesmos, esse desnorteante Brecheret, a fazer jus, com o "Templo da minha Raça", á difficil consagração pariziense. E ella virá: virá como veio para o pianista patricio.

S. Paulo, com o seu pensionato artistico, está mantendo no estrangeiro a mais digna e nobilitante embaixada. E esses embaixadores do seu espirito e da sua cultura, porque são nossos, porque são paulistas, hão de se impôr gloriosamente, "par droit de conquête et de naissance"

* * *

Uma das fontes mais ricas e menos exploradas para as artes do pensamento é a conclusão. Digo menos explorada porque até agora, levados pela pobreza da imaginativa, ou por encararem as artes como um departamento da realidade, os poetas e os prosadores, expostos os dados dum problema, tiraram na grande generalidade conclusões. Ora os problemas da vida monótona e comum, são sempre tão mesmos que o leitor, muitas vezes antes do meio da obra que folheia já conhece por experiencia própria ou de jornal a

conclusão que o artista tirará. Esta monotonia é uma das pandémias que mais invalidam a literatura universal. Os seus dois pontos culminantes são: o romance psicológico e o soneto de comparação. Resumidamente eis Bourget: dados o caracter dum homem e uma situação afectiva em que esse homem se vê envolvido como procederá o protagonista? E a **arte**, para o autor do Discípulo, consiste em responder á pergunta. Ora: qualquer leitor medianamente burro responde com a mesma firmeza do artista improvisado. Nas "Pombas" tambem, depois dos dois primeiros versos do 1.o terceto: "Assim do coração, onde abotoam, os sonhos, um a um, céleres voam..." o leitor já sabe, por experiência própria, que éstes mesmos sonhos geralmente "não voltam mais". O que aliás nem é toda a realidade. Há sonhos que retornam com uma constáncia verdadeiramente patológica.. Mas, podem-se incluir com justiça tais sonetos e romances entre as obras de **ficção?** Não. O que a obra de ficção tem de explorar e pouco o fez até agora é o que esteticamente se chamaría "a surpresa da conclusão". E' na literatura popular, tão sábia como expressiva e brincalhona, que vamos encontrar o milhor emprego dessa "surpresa da conclusão". Estudemo-la para fortificar a **verdadeira** arte que é brinquedo e fantasia sob o manto diáfano da realidade. As quadras populares estão cheias da surpresa de conclusão. Uma, ao acaso:

> Batatinha quando nasce
> Deita rama pelo chão;
> Mulatinha quando dorme
> Bota a mão no coração.

E' lindo. Expressivo e inesperado. Isto é arte. Já porém, quando não se trata de ficção, o pensador deve tirar conclusões certas. E é todavia justamente nestas obras **sérias** que vemos o pensador chegar ás mais impagáveis consequências. Inda ha pouco um sociólogo, ou coisa que honestamente valha um sociólogo, ao observar com carinho ursídeo o desenvolvimento dos esportes no Brasil, de alguns raciocínios acertados tirou esta conclusão surpreendente: O esporte está deseducando a mocidade do Brasil. KLAXON pergunta agora: Como é possível deseducar uma colectividade que nunca teve educação?